DISCURSO DO PARANINFO DA PRIMEIRA TURMA DO CURSO DE DIREITO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS — LEGISLAÇÃO E COMÉRCIO EXTERIOR — 1974, DR. RAPHAEL VALENTINO SOBRINHO

Aos novos externocratas

Ante a escolha do seu nome, principalmente para o marinheiro que faz a primeira viagem, como é o meu caso e já em futurológico transatlântico nuclear, com a lúcida turma que me brindou com a sua generosa e inesquecível homenagem, a emoção do paraninfo assemelha-se muito ao regozijo e ao sentimento antecipatório dos deveres que acompanham a primeira paternidade.

A contrapartida do paraninfo torna-se ainda mais estimulante e desafiadora, quando o seu diálogo docente de encerramento do curso se dirige não a alunos no sentido tradicional do termo, mas a "professores-alunos", com quem tive o privilégio de intercambiar idéias fertilizadoras de antigos conceitos e não imprimir, em massa informe, ensinamentos dogmáticos, à moda antiga.

Talvez por estar eu de partida para o exterior, a fórmula generosa da homenagem tenha ascendido ao privilégio desvanecedor do paraninfado, como expressão profunda de uma despedida geográfica, que perpetua laços de identificação intelectual e de inapagável amizade.

Tal posição, que me é atribuída, leva-me, em nome dos meus colegas docentes, que tanto abrilhantaram este curso, a formular um agradecimento especial à Fundação Getulio Vargas, na pessoa do inesgotável arquiteto da sua dinâmica renovadora, o seu Presidente, Dr. Luiz Simões Lopes, e ao Ministro Themistocles Brandão Cavalcanti, expressão genuína e revivificadora da harmonia interdisciplinar, afinada pelo diapasão da indestrutível riqueza humanista. Tais agradecimentos estendem-se aos senhores coordenadores do primeiro, segundo e terceiro períodos, Profs. Adilson Vieira Macabu e Danton de Andrade Figueira, respectivamente, pela orquestração feliz da harmonia produzida. A D. Myriam Lourdes Goulart, secretária do curso, riqueza infatigável, dinamizadora e motivadora, a gratidão intelectual e afetiva, docente e discente.

Tranqüilizai-vos, porém, não tentarei ministrar-lhes hoje mais uma aula de economia. Buscarei, antes, sintetizar o que do vosso convívio aprendi, pois o voto de castidade verbal limitada é o primeiro mandamento do paraninfo. Maurice Chevalier também o fizera, sob a condição suspensiva de cumpri-lo, só a partir dos 95 anos.

O mosaico de recursos humanos

Não muitas vezes, acredito, teve a Fundação, que eu ousaria definir como o helicóptero de pronto atendimento das carências de recursos humanos no país e com extrapolações continentais, a ocasião de reunir mosaico de personalidades tão diversificadas na sua formação e tão homogêneas na qualidade, como esta turma que hoje se pós-gradua. O êxito seria apenas mais um dos muitos, se não estivesse voltado para um desafio novo: *o do setor externo,* na era da "iliquidez política", como denomino a presente batalha da energia, que perturbou a tranqüilidade pós-keynesiana dos que não perceberam nem muito menos tentaram compreender além dos horizontes do curto prazo o que o mestre da *Teoria geral* não pôde sequer dizer em Bretton Woods.

A inflação que agora se transformou realmente, de vício de subdesenvolvidos em eufemístico antibiótico dos desenvolvidos levou ainda recentemente um economista de país industrializado a responder, quando se lhe perguntou como ia a sua economia nacional diante do fenômeno: mais ou menos virgem, replicou ele.

De tal posição deflui a conseqüência de que o setor externo não é homogêneo nem como centro de decisões nem quanto à qualidade dos produtos, pressuposto este tão caro aos cultivadores do ótimo, que dele partem apenas para melhor conhecer-lhe as distorções na prática.

Sem ufanismo, diga-se de passagem, são pensadores do porte de Gottfried Heberler e de Phillipe Auberger, em obras publicadas neste ano, que o reconhecem com ênfase explícita, é inegável, na última década, o êxito da convivência desenvolvimentista da economia brasileira com a inflação, o que muito a distancia da convivência, tendente à passividade, já batizada de estagflação ou alegria de beija-flor, como preferem os europeus: sugar para suar, terminando por esvair-se na soma negativa.

Se somos originalizantes na concepção, saibamos ser operacionalizantes na implementação, que é o que busca a Fundação Getulio Vargas, ao reciclar esta primeira turma do Curso de Direito e Relações Internacionais — Legislação e Comércio Exterior.

A eloqüência das fórmulas permite a vencer a limitação do tempo, com maior densidade de conteúdo. Embora já existissem promissores núcleos germinativos, até há não muito, nossa atitude ante o setor externo poderia resumir-se na fórmula:

Caramujo pré-astronáutico + reparocrata + homem monossilábico = estagnação exclamativa, embora acompanhada de ilusão de movimento.

O caramujo pré-astronáutico mal percebia o que lhe vinha do exterior, porquanto sua casa lhe impedia a visão fora de si: recebia e não sabia como expedia. O "reparocrata" só cuidava da estética do chassi dos seus conhecimentos, afeiçoado que estava, por fidelidade secular, ao estoque obsoleto do seu suposto saber. Ao técnico de horizontes mais amplos

impunha-se o sombrio destino do eunuco, que sabe como fazer, mas não pode fazer, tolhido pelas personalidades ferroviárias, que apitam, mas não transitam nem deixam trafegar.

É impositivo que a primeira equação ceda o passo a uma segunda, que poderia assim estruturar-se:

Setor público + tecnocracia + empresariado = aceleração + correção estabilizante.

A confusão do dicionário

Aceleração e correção estabilizante são inviáveis sem um mínimo de "desbabelização" entre as linguagens compartimentadas que, para tomar uma ilustração, no universo de Bernanos são as dos animais do julgamento, dos da tinta, dos da moral, dos das estatísticas, dos democratas precipitados, dos democratas prudentes, etc. Conta-se, a propósito, que duas cidades vizinhas, Alpha e Beta, resolveram adotar um dicionário comum, sem qualquer encontro prévio entre os futuros vocalizadores da nova linguagem. Resultado: quando se indagou do engenheiro, de alta especialização, o que é democracia, replicou ele: *é o sistema em que a produção dos votados é conferida periodicamente pelo controle dos votantes, através da computação eletrônica.* Ao que retrucou indignado o democrático precipitado: *É o regime em que o povo se dissolve para todo ele tornar-se governo, segundo sustentava Jean-Jacques Rousseau,* como se vê também distorcido e precipitado pelo nosso politólogo que, parece, agita os autores antes de usá-los. O desfecho do drama Alpha-Beta foi a criação de viadutos interdisciplinares, semelhantes à pós-graduação pioneira que hoje, na Fundação Getulio Vargas, conclui a sua primeira experiência vitoriosa.

Com efeito, estudos iniciados pela Brookings Institution e em plena proliferação nos mais sofisticados centros de pesquisas internacionais buscam identificar as razões das diferenças entre as taxas de desenvolvimento nos diversos países. Da precisão mensuradora desse esforço emergiu o paradoxo da predominância do chamado "fator residual", de natureza qualitativa, como determinante precípua da aceleração do desenvolvimento.

A relevância do residual evidencia que a sua denominação já não coincide com a sua essência e reafirma a tese de Alfred Marshall, exprimível, em linguagem contemporânea, na seguinte formulação: *O treinamento e a reciclagem dos recursos humanos constituem o limite superior do desenvolvimento.*

Como lembra Rosenstein-Rodan, não é possível hipotecar mão-de-obra para garantir operações de treinamento e de reciclagem de recursos humanos, o que desestimula o empresário a concentrar investimentos maciços nesse setor, temendo inclusive a evasão para outras empresas. Para o Estado, entretanto, conclui o imaginoso economista-filósofo, este é o melhor investimento.

Felizmente, no Brasil, ciência e consciência do fenômeno ora descrito crescentemente convergem. Dizia Bernard Shaw: "Quem não se apaixonou antes dos 40 anos, jamais deverá fazê-lo depois." Ao contrário, comentaria eu, quem foi levado antes dessa barreira, pelo fascínio de tão charmosa virtude, deve aplicar-lhe o multiplicador keynesiano, que é o catalisador da renovação e em perspectiva de longo prazo.

O mesmo ocorre com o desenvolvimento. Ao fascínio pelo seu impulso, opõe-se a mais violenta das contrapartidas: a velocidade da obsolescência do capital humano. Esta verdade que transcende de muito os horizontes ingênuos do economicismo puro foi poeticamente descrita, na profundidade do seu ser, pelo nosso mestre Djacir Menezes, em visão heraclitiana:

"O caminho que sobe já é o que desce
Idêntica expressão de dois opostos:
Dinâmica imanente: transparece

Nos gostos que renascem dos desgostos.
E o clarão de alegria que enoitece
Na tristeza banal dos mesmos rostos."

O crescimento do capital humano, no contexto dessa visão heraclitiana, é a expressão mais vigorosa da luta do homem pela *felicitocracia,* regime que teve em Bentham o seu precursor formal, através do famoso "cálculo felicífico", ainda o primo-pobre da pedra filosofal.

No talento do seu humor, Henry Kissinger formulou a "Lei da maldade das coisas", que retrata com fidelidade o imperativo maior dos nossos tempos: o poder deve sempre voltar à escola, para aguçar a sua imaginação contra as coisas. Dois exemplos clarificam a lei de Kissinger: se se deixar cair um pedaço de pão com manteiga num tapete novo, as possibilidades de cair com a maneiga por baixo estão na razão direta do preço do tapete e se se deixar cair uma moeda, as possibilidades de rolar ela em direção contrária à nossa estão na razão direta do valor da moeda.

O modelo brasileiro e a maldade das coisas

Nascidos otimistas, escreveria Rostow, se descrevesse as etapas do crescimento do Brasil, descobrimos afinal o "rácio-otimismo". Sintetizá-lo seria impossível, em poucos minutos, se não tivesse diante de meus olhos uma amostragem viva — a turma que ora se pós-gradua — das potencialidades do nosso capital humano, ainda infinitamente distantes da lei dos rendimentos decrescentes.

O entusiasmo da amostra leva-me à audácia de inspiração num modelo — o evangélico — que, com as suas dimensões do eterno, oferece as máximas perspectivas para a luta contra a obsolescência:

Bem-aventurados os pobres de pessimismo,
porque deles é o reino do desenvolvimento e da felicidade.
Bem-aventurados os que não choram pelas rendas especulativas,
porque serão consolados pela vitória contra a estagnação secular, que é o subdesenvolvimento.
Bem-aventurados os mansos que levam o poder à escola, como aluno,
porque o saber possuirá a Terra e a Terra alcançará a felicidade.
Bem-aventurados os que têm sede e fome de reciclagem,
porque serão saciados e para sempre escaparão dos asilos da indigência imaginativa.
Bem-aventurados os misericordiosos, que aceitam as necessárias disparidades e desestabilizações do desenvolvimento,
porque alcançarão o desenvolvimento e o poder contra a maldade das coisas.
Bem-aventurados os limpos de coração, que vêem no lucro o cronômetro da eficácia e amaldiçoam a *entreprenércia* (i.e., a preguiça do empresário),
porque verão o desenvolvimento e lograrão reduzir os seus custos políticos e sociais.
Bem-aventurados os que, pela sua lucidez, padecem perseguição pelo desenvolvimento sem ilusões literárias,
porque deles será o reino do verdadeiro desenvolvimento e da verdadeira liberdade.
Alegrai-vos e regozijai-vos porque ainda vencereis a inflação com racionalidade, alcançareis o desenvolvimento sem prostituição da moeda e a liberdade na sua carne e no seu espírito.

Permiti-me, senhores, do alto desta Fundação, que é a "capital brasileira dos recursos humanos", concluir com um modesto autoplágio:

"O Brasil é uma pessoa. A pessoa se constrói cada dia, com insumos de racionalidade e de entusiasmo. A razão é o limite superior do entusiasmo e o entusiasmo é a produtividade da razão. Saibamos ser jovens, sem esquecer a razão. Saibamos ser racionais, sem esquecer o entusiasmo."